

OS AGRICULTORES E A “MODERNIDADE”: UMA ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE CULTURA E TECNOLOGIA NO MEIO RURAL DE CERRO LARGO / RS

Micael Stolben Mallmann¹
Ivann Carlos Lago²

Resumo

Este artigo traz os resultados de uma pesquisa realizada com agricultores do meio rural do município de Cerro Largo (RS), voltada à análise da forma como estes compreendem e usam o “moderno” e as tecnologias, desde os processos de filtragem feitos a partir da cultura rural da região. Para isso utilizou-se da Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) e a Teoria das Formações Discursivas de Foucault (2002; 2007). Foi possível perceber que aconteceram muitas mudanças no espaço agrário estudado, principalmente a introdução de máquinas e equipamentos, as quais modificaram a maneira de plantar, manejar e colher. Para os agricultores essas novas tecnologias facilitam a vida no campo, mas também apresentam alguns problemas, como a poluição com insumos, o aumento do custo de produção e a perda da identidade do que eles consideram “ser agricultor”. Se do ponto de vista objetivo essas tecnologias, com frequência, passam por processos de adaptação às necessidades e costumes locais, do ponto de vista subjetivo elas também passam por um processo de (re)significação, uma espécie de “filtro interpretativo” cujo significado é fortemente influenciado pela cultura.

Palavras-chave: cultura, modernização, representações sociais, ruralidade.

¹ Acadêmico do Curso de Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo, 5º semestre. E-mail: micaelstolben@gmail.com.

² Doutor em Sociologia Política. Professor de Sociologia e Ciência Política na Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Cerro Largo. E-mail: ivann@uffs.edu.br.

FARMERS AND MODERNITY: AN ANALYSIS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN CULTURE AND TECHNOLOGY IN RURAL AREAS OF CERRO LARGO / RS

Abstract

This article presents the results of a survey with farmers in the rural area of Cerro Largo (RS), focused on the analysis of how they understand and use the "modern" technologies, since the filtering processes made from the rural culture region. For this it was used the Social Representation Theory of Moscovici (1978) and Theory of Discursive Formations of Foucault (2002, 2007). It was possible to notice that many changes happened in agrarian space studied mainly the introduction of machinery and equipment, which changed the way of planting, harvesting and handling. For farmers these new technologies make life easier in the field, but also raise some problems such as pollution inputs, increasing production costs and loss of identity of what they consider to be "farmer". If the objective point of view these technologies often go through processes of adaptation to local needs and customs, the subjective point of view they also undergo a process of (re) signification, a kind of "interpretative filter" whose meaning is strongly influenced by culture.

KEY-WORDS: Social representation, rurality, modernization, culture.

1. INTRODUÇÃO

O município de Cerro Largo, localizado na região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, vem passando por rápidas e profundas mudanças em seu perfil econômico e populacional. Fenômenos como a construção da Usina Hidroelétrica São José e a instalação da Universidade Federal da Fronteira Sul (através do *Campus* Cerro Largo) estão contribuindo para um rápido crescimento econômico e populacional, com tendências à médio e longo prazo de urbanização acentuada, bem como diversos fatores socioeconômicos, políticos e culturais que lhe são decorrentes. De forma progressiva a agricultura, tal como ocorre no restante do país, tende a ter seu processo de mudança acelerado, especialmente no que tange à sua forma familiar e de subsistência, característica marcante do município em questão.

O processo de modernização da produção rural implica na substituição de muitas formas tradicionais de produzir por novas técnicas de produção. O desafio, desde o ponto de vista das instituições voltadas ao fomento e desenvolvimento das atividades agrícolas, em especial a produção de alimentos, é "repassá-las" aos agricultores, aqueles que efetivamente precisam colocar tal conhecimento em ação para reconfigurar suas formas de produzir, melhorar sua renda, agredir menos o meio ambiente e aumentar a sua produção, o que, em certa medida, implica em modificar a sua cultura, a identidade, as tradições regionais e, por consequência, o próprio modo tradicional de ser agricultor. Não é, portanto, sem consequências, tanto

materiais quando culturais e simbólicas, que o processo de modernização chega no meio rural e a ele impõe mudanças.

Assim, não se trata apenas de se conhecer às novas descobertas científicas, as novas tecnologias e os novos métodos de produzir. Há ainda que se compreender como se dá o processo por meio do qual esse “novo” chega até os agricultores, como é, ou não, por eles assimilado, e como é adaptado e ressignificado no movimento de incorporação ao cotidiano dos fazeres agrícolas.

Nesse sentido objetivou-se com o estudo identificar e analisar as representações sociais presentes no imaginário e nos discursos dos agricultores do município investigado sobre a assistência técnica rural e seus elementos estruturantes, em especial os implementos e insumos agrícolas, que materializam o “moderno”, e as novas formas de realizar as atividades tipicamente rurais. O que se buscou, pontualmente, foi uma compreensão mais detalhada sobre a forma como os agricultores assimilam, especialmente do ponto de vista subjetivo e simbólico, o “novo” no meio rural, e como ele é adaptado, objetiva e subjetivamente, no processo de assimilação por parte dos agricultores.

Como demonstraremos ao longo do trabalho, esses agricultores demonstraram grande flexibilidade e ampla adaptabilidade, capazes de ressignificar e redimensionar as tecnologias e o “moderno” como estratégia para torná-lo “aceitável” sem comprometer o sentido do que seja ser agricultor.

2. REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLOGIA

Para a análise da relação entre conhecimentos tradicionais dos agricultores e elementos objetivos e simbólicos característicos da modernização, principalmente tecnológica, especialmente do ponto de vista dos conflitos acima mencionados, dois modelos teóricos foram adotados. De um lado, o debate acerca do moderno como um modo de perceber o mundo, de organizá-lo enquanto exterioridade e de se comportar diante dele; e do outro o rural e a ruralidade como sendo, sob vários aspectos, o seu oposto, o seu contrário, pois que símbolo do tradicional e do “arcaico” (Martins, 2008). Embora, como demonstraremos ao longo do trabalho, não é por meio do conflito e de negação que o tradicional e o moderno se apresentam e se relacionam no meio rural estudado. Antes, eles se integram, se influenciam e se ressignificam mutuamente dentro de um complexo quadro de combinações e adaptações onde, com frequência, o moderno e redimensionado a partir dos referenciais tradicionais da cultura rural como requisito para sua aceitação.

Por outro lado, para se identificar e compreender como se dá esta relação e, principalmente, como se dá o processo de recepção, interpretação e absorção do moderno, representado tanto pelos objetos – máquinas, equipamentos e insumos – quanto pelo modo de fazer agricultura – técnicas

de produção – por parte dos agricultores que os recebem, a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) e a teoria das formações discursivas de Foucault (2002; 2007) se apresentam como fundamentais.

Como demonstrou Moscovici (2003, p.21), as representações sociais constituem um sistema de crenças, valores, ideias e práticas que atribui ordem ao mundo e torna possível às pessoas orientar-se e agir diante dele. Assim, qualquer informação, conhecimento ou pessoa que represente uma forma diferente de explicar as coisas e de orientar o comportamento diante delas não é apenas uma nova forma de compreender o mundo à sua volta. É também, e com frequência, um confronto com as referências cotidianas através das quais as pessoas organizam e vivem suas vidas.

A pesquisa foi desenvolvida por meio da coleta de dados qualitativos, com realização de entrevistas em profundidade, com questionário semi-estruturado, com os agricultores das comunidades rurais do município de Cerro Largo, RS. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise.

Foram realizadas 9 (nove) entrevistas com agricultores de diferentes localidades rurais do município, tendo sido identificado um “ponto de esgotamento”, ou seja, um momento em que, ao se fazer novas entrevistas, elas já não apresentam mais “novidades” em termos de discurso e de informações.

São agricultores caracterizados pela pequena propriedade, de cunho familiar, fortemente voltada à produção de subsistência, com destaque para a produção de leite e de grãos, marcadamente soja e milho. São representativos da agricultura do município de Cerro Largo. Embora existam também, no município e na região, propriedades rurais de médio e grande porte, por definição elas envolvem uma quantidade pequena de mão-de-obra. Com isso, embora a área de terra por elas ocupada seja considerável, o número de pessoas envolvidos em suas atividades é bastante pequeno. Como o foco de nossa pesquisa foi a cultura do meio rural e sua relação como a tecnologia e o “moderno”, nossa opção metodológica foi por entrevistar agricultores de pequenas propriedades.

É importante ressaltar o caráter qualitativo da pesquisa. Feita a partir de entrevistas em profundidade, seu objetivo não é levantar dados estatisticamente generalizáveis, mas compreender de maneira profunda elementos de ordem cultural e comportamental que caracterizam um dado grupo humano e que são compartilhadas pela média de seus integrantes.

Por fim, as semelhança nas características das propriedades e no modo de fazer agricultura dessas famílias permite tomar-se, também como semelhantes, as formas de apropriação das tecnologias e de assimilação de suas implicações, para efeitos do estudo. Assim, as análises e conclusões aqui apresentadas tem a característica de apenas se aplicarem a este grupo, não referindo-se ao conjunto das pessoas que habitam o meio rural.

3. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O DISCURSO DOS AGRICULTORES

O foco do estudo foi a percepção, ou melhor, as representações sociais dos agricultores acerca do moderno, da tecnologia, das mudanças provocadas pelo “progresso” no mundo rural e de como elas exercem impacto sobre suas vidas e seu modo de viver e manter as características fundamentais de seu modo de vida e de fazer agricultura.

A partir da análise das entrevistas, verificou-se que aconteceram grandes mudanças no espaço agrário da região pesquisada, ocasionadas principalmente pela introdução de máquinas e equipamentos e de técnicas de produção agrícola que modificaram a maneira de plantar, manejar e colher. Estas novas formas de produzir, segundo os próprios agricultores, foram implantadas principalmente a partir da década de 1960/70, onde através daquilo que consensuou-se chamar de “Revolução Verde” ocorreu a introdução de novas tecnologias no campo. Os trechos de entrevistas apresentados a seguir apresentam as mudanças ocorridas no campo:

Aconteceram muitas mudanças na agricultura, principalmente com maquinário, não se ocupa mais enxada, arado de boi, máquina de plantar.

Hoje mudou muito a forma de plantar e colher. Batia-se a soja, pois não tinha máquina.

As principais diferenças estão nas máquinas, pouco se via máquinas nas lavouras. Outra coisa que mudou foram os venenos. Quando eu era criança não se ouvia falar em venenos.

Algo possível de se perceber é que todas as tecnologias, na avaliação dos agricultores, facilitaram a vida no campo, principalmente por diminuir o trabalho manual e, conseqüentemente, o tempo e esforço despendidos para fazer as atividades. Mas estas “novas tecnologias” também apresentam alguns problemas, como: a poluição com insumos, que antes não eram utilizados ou, quando utilizados, o eram em menores quantidades: o aumento do custo de produção, pela necessidade do produtor adquirir novos equipamentos, insumos e “estar se modernizando”; a perda da identidade do que eles consideram “ser agricultor” e; o êxodo rural e o envelhecimento médio da população no campo.

Chama atenção ainda a forma como os agricultores descrevem as mudanças ocorridas. Eles relatam as transformações na forma de “lidar” no campo com um intenso sentimento de nostalgia, de perda, de frustração. Mesmo o fato de as atividades no campo hoje poder ser realizadas com menos esforço é descrito como algo que não é, de todo, positivo. Afinal, a dureza do trabalho foi, classicamente, parte da própria identidade do que era ser agricultor, uma espécie de oposição à vida fácil e ao trabalho leve dos habitantes da cidade. À medida que o trabalho no campo perde parte de sua

dificuldade, de sua dureza, é como se a identidade de quem o executa fosse também se esvaindo, se perdendo em um mundo de facilidades tecnológicas que, ao diminuir o esforço, ruiu o cerne do modo de vida rural.

É por isso que, ao descrever esse novo estilo de vida rural, marcado pela facilidade e pela diminuição do trabalho, os agricultores fazem questão de lembrar que, paralelamente, aspectos negativos foram se consolidando.

O trabalho hoje é mais fácil, mas tem mais despesas.

Trabalhar antigamente era um ambiente diferente, hoje se faz tudo com máquina, com veneno, que antes não se via. Hoje as pessoas não se judiam tanto como antigamente, mas a gente era mais feliz, era mais cansativo, mas fazia parte.

Hoje é mais fácil ser agricultor, pois a gente trabalha com trator em vez de fazer o trabalho manualmente.

Assim, os benefícios da modernização vêm sempre acompanhados de efeitos negativos: trabalha-se menos, mas sobra menos dinheiro; utilizam-se defensivos agrícolas, mas isso polui o meio ambiente e causa doenças; tem-se mais conforto físico, mas se é menos feliz. Paradoxalmente, a modernidade que permitiu aos agricultores se esforçarem menos, trabalharem com menos sacrifícios, é também o que lhes está reconfigurando a própria identidade de agricultor. Hoje é mais fácil ser agricultor. O problema é que justamente essa facilidade é percebida como a negação do jeito de ser agricultor. É na dificuldade, na dureza do trabalho cotidiano, na simplicidade da organização da vida no meio rural que definem o modo tradicional da agricultura. Ao facilitar a vida no campo através das tecnologias e de equipamentos, o processo de modernização parece estar alterando também o sentido de ruralidade que dava significado à vida no campo.

Outro aspecto interessante é que parece haver uma divisão das tarefas segundo o sexo, principalmente na atividade leiteira, onde o homem cuida da alimentação do gado leiteiro e a mulher se ocupa com o ato de tirar o leite. Segundo Magalhães (2009), “a produção de leite é tradicionalmente uma atividade realizada pelas mulheres”. Para Magalhães, dentre as atividades executadas para a produção leiteira, “as mulheres se dedicam as atividades restritas ao âmbito interno da propriedade”. Embora essa característica, como aponta Magalhães, esteja diminuindo rapidamente, especialmente em regiões onde a produção leiteira está entre as principais fontes de renda, o aspecto diferencial que atribui responsabilidades e significados distintos às tarefas desempenhadas por homens e mulheres, ainda parece resistir. Foi recorrente entre os entrevistados a identificação de uma associação masculina aos afazeres ligados à construir e concertar cercas, semear pasto e preparar lavouras, ao passo que as mulheres são mais associadas às tarefas de ordenhar e cuidar dos estábulos, por exemplo.

Temos, assim, um quadro onde os elementos da “modernidade” não se sobrepõem por completo às características tradicionais típicas do ambiente rural investigado. Do mesmo modo como máquinas e equipamentos são adaptados, objetivamente, para seu uso nas atividades do campo, ideias

e concepções supostamente características do moderno, como a igualdade entre os sexos, também passam por uma espécie de “filtro” cultural através do qual passam a fazer mais sentido desde o modo de vida local.

Embora não seja nosso objetivo neste trabalho, e apesar de os dados não permitirem afirmações categóricas nesse sentido, podemos notar que parece haver uma tendência de alocação das tarefas ligadas ao cotidiano da propriedade ligeiramente distinta entre homens e mulheres. De certo modo, parece que essa aparente facilidade da vida proporcionada pela tecnologia e a diminuição das atividades parece associar-se a uma divisão sexual do trabalho que insiste em sobreviver. À medida que a ordenha, por exemplo, é mecanizada e, assim, pode ser realizada por apenas uma pessoa, ela passa progressivamente a ser – ou volta a ser? – uma atividade feminina, ao passo que as tarefas ligadas ao mundo “fora da casa”, ou seja, da “roça”, vão se consolidando como tarefas de realização exclusiva dos homens.

Contudo, é preciso ressaltar, este aspecto demanda mais análises e novos estudos, visto que parece contrariar certa tendência identificada em pesquisas realizadas em várias regiões do país. Essas pesquisas apontam para o fato de que, especialmente naqueles lugares onde a produção leiteira adquiriu *status* de principal fonte de renda familiar, à medida que a produção de leite vai se tornando economicamente importante também vai, gradativamente, tendo suas atividades progressivamente desenvolvidas pelos homens. Nossa pesquisa, contudo, parece apontar em direção oposta. Assim, certa cautela é necessária neste ponto. Embora esta tenha sido uma característica marcante das entrevistas realizadas, sua tendência de ir na “contra-mão” das pesquisas sobre o tema talvez deva servir de alerta para a necessidade de aprofundamento, inclusive com novos estudos.

3.1. O imaginário dos agricultores e a produção agrícola

Elementos da ordem do simbólico também se mostraram bastante presentes no imaginário de alguns agricultores entrevistados, não só como parâmetro ético-moral de comportamento de modo genérico, mas também como referência de organização do cotidiano, inclusive de trabalho junto às atividades produtivas da agricultura. Um fato que ilustra isso de modo exemplar foi a situação, encontrada durante o processo de pesquisa, em que um agricultor explicou que compra sementes melhoradas geneticamente e com altas tecnologias, mas que as leva para benzer antes de plantá-las. Acredita que, se forem benzidas, as sementes produzirão mais e melhor, e que a plantação será protegida contra eventuais danos, como estiagens, por exemplo. Temos, uma vez mais, o “moderno” não sendo negado, mas passando por uma espécie de filtro de ordem cultural que parece dotá-lo de significado e, assim, torná-lo “aceitável” no contexto da ruralidade.

O mesmo agricultor que compra sementes selecionadas “de última geração”, tecnologicamente falando, não utiliza, no seu plantio, insumos também “de ponta”. Ele só acredita efetivamente em uma boa safra depois de assegurar que tais sementes estejam “protegidas”, ou melhor, “encantadas”

mediante o benzimento, o qual é solicitado ao padre da paróquia local. Afinal, afirma ele:

Não adianta a gente trabalhar e fazer as coisas do jeito certo. Se não tiver a ajuda do cara lá de cima, não vai. A semente, as máquinas, claro que ajudam. Mas é o Ele quem decide como as coisas vão ser.

Aqui cabem dois esclarecimentos. Primeiro, ao trazermos o exemplo de um agricultor entrevistado, o fazemos por que acreditamos, por questões teóricas e metodológicas, que seu discurso seja representativo do grupo social ao qual pertence, pois que integra o conjunto das categorias discursivas e dos elementos estruturantes das representações sociais deste grupo. Assim, não se trata de uma generalização estatística sustentada pelo número de entrevistas, mas de uma reflexão acerca do imaginário coletivo a partir de sua manifestação através do discurso de um entrevistado. Por outro lado, é importante ressaltar que não fazemos, aqui, qualquer inferência avaliativa ou juízo de valor acerca do modo como os agricultores executam suas tarefas de produção. Quando identificamos que o agricultor compra sementes geneticamente melhoradas, mas a banze antes de plantar, não estamos preconceituosamente afirmando que ele está agindo de forma errônea. O que estamos fazendo é, unicamente, apontar para o aspecto complexo do processo pelo qual o moderno e seus elementos são objetiva e subjetivamente ressignificados no meio rural. O que tentamos demonstrar, é que o moderno e o tradicional, no grupo investigado, não se apresentam como elementos em conflito, mas de forma complexamente integrada, onde os objetos e símbolos do moderno são frequentemente incorporados pelo arcabouço da tradição.

O "moderno", portanto, representado seja pela semente de última geração, pela máquina mais recente ou pelas técnicas de cultivo indicados pelos especialistas, embora não seja algo rejeitado pelos agricultores, não é por eles incorporadas por si mesma, nem sem antes passar por uma (re)significação. E esta, por sua vez, é feita mediante a "filtragem" daquilo que representa o moderno mediante sua interpretação a partir de referenciais culturais que são característicos do mundo social em questão. O moderno, não é algo dado, e nem algo que se possa tomar como uniforme, como único, em diferentes ambientes culturais. Ele é algo mutável, que adquire novos contornos e significados à medida que tomamos ambientes culturais distintos a lhe servirem de contexto. Acredita-se na qualidade das "sementes modernas", mas acredita-se, ainda, que elas só terão efeito, efetivamente, se passarem pelo benzimento do pároco local³. Não se rejeita o moderno, o

³ Outro exemplo de como o moderno é adaptado e ressignificado foi a identificação, em nossas visitas aos agricultores, de famílias que utilizam frascos vazios de defensivos agrícola, inclusive de inseticidas e herbicidas de alta periculosidade, para plantar flores e folhagens, que são colocadas nas varandas e até mesmo dentro das casas. Mais uma vez, agora através algo também objetivo – frascos de agrotóxicos – o moderno é adaptado, reinterpretado e, nesse caso, reutilizado a partir das tradições locais.

novo, a tecnologia. Apenas se procura assegurar que ele será “adaptado” ao contexto das crenças, dos hábitos e das tradições locais.

3.2. Meio ambiente e relações sociais

Nota-se a preocupação dos agricultores com a poluição causada pelos insumos utilizados na agricultura. Porém, segundo eles, sem o uso de insumos não se consegue produzir. É notável também a sua preocupação com o futuro da agricultura, pois segundo eles poucos jovens trabalham na agricultura.

Estes insumos são ruim, pois tudo esta sendo envenenado, acredito que muitas doenças vêm destes venenos. Claro que agora é tudo mais fácil, planta-se, usa-se veneno e máquinas para a colheita, coisa que antes não eram feitas desta maneira. Hoje sem uso de insumos e máquinas não se consegue produzir. Ao mesmo tempo que esta tecnologia resolve alguns problemas ela acaba trazendo outros problemas.

Para os agricultores, a “modernidade” fez com que laços de vizinhança e amizade, por exemplo, quando não foram extintos, diminuíram significativamente, perdendo grande parte da intensidade e importância que tinham em outros tempos. Segundo eles, práticas comuns como as trocas de serviços e equipamentos entre famílias acabaram, em um novo modelo onde agora cada família faz as suas atividades de forma solitária. Os laços de vizinhança não ocorrem mais na mesma intensidade, ou melhor, dificilmente ocorrem. Vizinhos não se visitam mais, não trocam informações e não se juntam para atividades de trabalho e lazer, coisas comuns antigamente.

O convívio com familiares e vizinhos era diferente, tinha mais amizade, hoje cada um vive para si.
A modernidade distancia as pessoas.

E os recursos e equipamentos tecnológicos são identificados como sendo, ao menos em parte, causadores disso. A televisão, por exemplo, ao mesmo tempo em que é instrumento de lazer e conforto, é também mecanismo de afastamento, tanto entre vizinhos quanto entre os indivíduos da mesma família. Implementos que agora facilitam o trabalho agrícola, como plantadeiras e colheitadeiras mecanizadas, diminuem muito o esforço despendido nas atividades, mas tornaram desnecessário o mutirão entre vizinhos, que sempre foi um elemento fundamental na composição e manutenção de laços de amizade e solidariedade comunitária. E os agricultores, tantos mais antigos quanto os mais jovens, percebem e apontam esses elementos como possuindo efeito paradoxal: facilita a vida em termos de esforço de trabalho, mas desencanta a vida em termos de relações sociais e de significado.

O processo de “acolhimento”, ou seja, a maneira como os agricultores recebem, interpretam e aplicam as novas tecnologias e as

alternativas de “modernização” no meio rural não ocorre de maneira direta⁴; antes ele passa por uma espécie de “filtro interpretativo”, onde os agricultores avaliam se esta nova tecnologia irá ser benéfica ou não as suas atividades e muitas vezes a adaptam a sua realidade e a sua maneira de realizar as tarefas, contextualizando o “moderno” a partir de suas referências e percepções de mundo. Ou, dito de outro modo, o “moderno” e os elementos da modernidade não ressignificados a partir da cultura, como condição para adquirirem sentido e utilidade no mundo cotidiano dos agricultores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da noção de representações sociais para tentar compreender como se dá a relação entre a tradição, representada pelo modo de vida e pelo imaginário dos agricultores do município de Cerro Largo (RS), e o moderno, seja na sua dimensão material (máquinas, equipamentos, insumos) ou subjetiva (aspecto simbólico de significação do moderno e de seus elementos característicos). Percebemos, de modo bastante marcante, a coexistência do tradicional e do moderno, dentro de um quadro complexo de adaptação e (re)significação do moderno a partir das condições materiais de existência dos agricultores e da cultura rural que os caracteriza.

Assim, de um lado percebemos que os agricultores adaptam, do mundo de vista objetivo/material, as tecnologias que lhes estão disponíveis. As máquinas e equipamentos aos quais têm acesso, nem sempre são utilizados sem antes passarem por adaptações que visam torná-los mais “úteis” ou mais “eficientes”. Pneus de tratores são substituídos para poder trabalhar em terrenos acidentados; plantadeiras são adaptadas para plantar sementes diferentes daquelas para as quais foram projetadas; inseticidas feitos para lavouras de soja são usados na horta e no pomar de casa; motores antigos são usados para impulsionar com mais força o leite tirado com ordenhas mecanizadas.

Por outro lado, percebemos também que algo parecido ocorre com os aspectos mais simbólicos do moderno, em especial o “modo de vida” a ele associado. O moderno, em traços gerais, não nem negado pelos agricultores, nem posto em conflito com as tradições presentes no meio rural. Antes, ele é objeto de reinterpretação e ressignificação, a partir do tradicional, o que lhe torna aceitável desde o ponto de vista do modo de vida rural

A cultura, portanto, se apresentou como variável de fundamental importância para a compreensão da forma como os agricultores

⁴ Vale ressaltar que, segundo os agricultores, no município de Cerro Largo não existe, atualmente, nenhum tipo de assistência técnica sistemática aos agricultores. Contudo, isso não significa que esses não tenham cesso às tecnologias e mesmo às ideias e símbolos do moderno. Afinal, eles compram máquinas, equipamentos e insumos (e as empresas que os vendem oferecem algum tipo de orientação), assistem televisão, possuem filhos e outros familiares que circulam em grandes centros urbanos, fatores que lhes põem em contato com objetos e símbolos da tecnologia moderna.

compreendem e incorporam o moderno e a tecnologia no seu mundo de vida e de trabalho. Como consequência, fica claro que a compreensão da cultura e de sua influência nesse processo é indispensável para a concepção e implantação de modelos eficientes de assistência técnica voltada aos agricultores em questão. Modelos que desconsiderem as variáveis de ordem cultural poderão fracassar em sua tentativa de orientação das atividades agrícolas na medida em que se mostrarem incapazes de dotar de significado as orientações técnicas diante da cultura e das representações de mundo que os agricultores possuem. Não se trata, portanto, apenas de se dedicar tempo e energia para repassar informações e conhecimento técnico aos agricultores; é preciso ser capaz de compreender os mecanismos pelos quais os agricultores internalizam e (re)significam essas orientações.

Por fim, é preciso registrar que a pesquisa possui limites, especialmente em termos de possibilidades de generalizações. Como se trata de pesquisa qualitativa e voltada à análise de elementos ligados a cultura, seus resultados, além de iniciais, por se tratar de primeiro esforço investigativo com este recorte e neste grupo social específico, são também delimitados no tempo e no espaço. Ou seja, as análises aqui desenvolvidas valem apenas para o grupo pesquisado no que se refere ao momento histórico-social pesquisado. Por isso, muito mais do que pretender apontar elementos para uma análise geral da relação entre cultura e conhecimento técnico, a pesquisa aqui relatada é um esforço de apontamentos sobre possibilidades de novas investigações, dentre as quais a compreensão mais profunda da relação entre o tradicional e tecnológico merece destaque.

5. BIBLIOGRAFIA

DAMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DAMATTA, R. **Tem pente aí?: reflexões sobre a identidade masculina**. Revista Enfoques: revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.130-151, agosto 2010. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br>.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2002.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

MAGALÃES, R. S. **A masculinização da produção de leite**. Rev. Econ. Sociol. Rural, v. 47, no. 1. Brasília. 2009.

MARTINS, J. De S. **Reforma Agrária: o impossível diálogo**. São Paulo: EDUSP, 2000.

MARTINS, J. De S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história da modernidade anômala**. 2A edição. São Paulo: Contexto, 2008.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad. De Pedro A. Guareschi. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

Trabalho recebido em 10 de maio de 2012;

Trabalho aprovado em 31 de julho de 2012;